

# A crônica ensaística de Clarice

Lispector

Página  
| 16

Danielle Pedrassoli dos Santos Rosa

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

## Resumo

A importância de Clarice Lispector para a Literatura Brasileira é indiscutível. Desde o lançamento de seu primeiro romance, seus escritos vêm causando grande impacto nos críticos, bem como suscitando uma legião de fãs. Sempre prezando por sua intimidade, a autora fez de seus textos testemunho de sua identidade inquieta e questionadora. O livro *A Descoberta do Mundo*, lançado em 1984, reúne as crônicas publicadas originalmente no Jornal do Brasil, na coluna semanal que manteve entre os anos de 1967 e 1973. São esses textos – essencialmente ensaísticos e metalinguísticos, nos quais a autora pareceu apontar para o desejo de apreender e de compreender os processos da escrita – que interessam a este estudo. Desta forma, o que se propõe é a análise de aspectos confluentes entre as crônicas e os ensaios presentes nos escritos de Lispector que se encontram reunidos nesse livro. Sabe-se que a crônica é um gênero que oscila entre o literário e o jornalístico; nas crônicas de Lispector há, no entanto, a confluência com o gênero ensaístico. Sendo assim, este estudo busca investigar o modo como ocorre tal confluência e também com que propósito a autora se valeu, em suas crônicas, das reflexões sobre o processo do fazer literário.

## Palavras-chave

Clarice Lispector. Crônica. Ensaio.

## Introdução

O livro intitulado *A Descoberta do Mundo*, lançado em 1984, reúne as crônicas publicadas originalmente no Jornal do Brasil, na coluna semanal que Clarice Lispector manteve entre os anos de 1967 e 1973. Desta coletânea fazem parte 469 crônicas, organizadas cronologicamente. Neste conjunto de textos, a escritora transitou por diversas temáticas, tais como: a infância em Recife; conversas com taxistas; seu processo de criação; a satisfação ao receber o carinho dos leitores; e as particularidades da sua vida familiar. Assim como o restante da obra literária da autora, *A Descoberta do Mundo* também é de difícil classificação, haja vista que nessa obra é possível encontrar a crônica tradicional, que explora acontecimentos cotidianos, a antecipação de contos e de trechos de romances, além de entrevistas e textos que revelam a reflexão da escritora sobre o ato da escrita.

Neste conjunto de textos, há aqueles que podem ser considerados essencialmente ensaísticos e metalinguísticos, nos quais a autora pareceu apontar para o desejo de apreender e de compreender os processos da escrita.

O suporte do jornal proporcionou a Lispector uma maior liberdade para a reflexão literária – tema constantemente abordado em seus livros. O jornal e o formato da crônica permitiram que a autora tecesse suas considerações por meio de uma linguagem em diálogo com o suporte veiculado.

Por essas razões, a crônica se configura como um instrumento de comunicação que fornece ao leitor a exposição feita pela escritora, que extraiu de determinadas situações do cotidiano a possibilidade de abordar questões estéticas e literárias. Assim, neste limiar entre a crônica e o ensaio, Lispector buscou entender e desmitificar a concepção artística, expondo seu processo de criação.

## 1 A confluência entre a crônica e o ensaio

Em sua origem, o significado da palavra crônica está relacionado à questão do tempo. O termo vem do grego *khronikós*, de *khronos* – tempo, e do latim *chronica* – relato de fatos, narração.

No entanto, ao longo do tempo, o sentido do vocábulo se modificou. No início da era cristã marcava o registro de uma sequência de acontecimentos organizados cronologicamente; nesse sentido, aproximou-se da história, atingindo seu auge, nesta concepção, na alta Idade Média.

No início do século XIX, o termo perdeu a acepção histórica e sua significação vinculou-se estritamente à literatura. De acordo com este entendimento, a crônica como gênero literário teve sua estreia nos jornais franceses, por volta do ano de 1800.

Já no Brasil, a crônica surgiu após 1836, porém, sua popularidade se tornou crescente quando se deu o aumento do número de tiragem dos jornais. De fato, foi com Francisco Otaviano – no Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, em 1852 – que a crônica brasileira começou a tomar o aspecto atual. Diversos escritores cultivaram o novo formato, a saber: José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompéia e Olavo Bilac. Mais tarde, foram seguidos por: Coelho Neto, Humberto de Campos, João do Rio, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Ribeiro Couto, Rubem Braga, Fernando Sabino, Luís Fernando Veríssimo, Rachel de Queiroz, Paulo Mendes Campos, Carlos Eduardo Novaes e tantos outros.

Marlyse Meyer (1992), em seu estudo sobre a crônica, traçou o que se pode chamar de “arqueologia da crônica”, referindo-se à “nova entidade literária”, ou folhetim. No começo do século XIX, *le feuilleton* designava um lugar preciso do jornal: o *rez-de-chaussée* – rés-do-chão, rodapé, geralmente da primeira página. A finalidade desse “espaço vazio” no jornal era precisamente entreter o leitor. Nesse espaço já era possível encontrar os elementos que viriam a compor a crônica brasileira contemporânea, visto que a crônica, entre os leitores nacionais, longe de ser apenas um apêndice do jornal, tornou-se, como constata Meyer (1992, p. 19), uma “forma peculiar, com dimensão estética e relativa autonomia, a ponto constituir um gênero propriamente literário [...] com uma história específica e bastante expressiva no conjunto da produção literária brasileira”.

Machado de Assis, em uma crônica datada de 30 de outubro de 1859, definiu as características do gênero, do modo como é atualmente entendido:

[...] o folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista. Esta última afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação.<sup>[1]</sup>[...] O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar do colibri na esfera vegetal; salta, esvoaça, brinca, tremula, paira, e espanja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política (ASSIS apud COUTINHO, 2004, p. 122).

No suporte do jornal delineiam-se suas principais características: a crônica tende à brevidade, é um texto curto; o foco narrativo geralmente se situa na primeira pessoa do singular, pois a personalidade é essencial para sua composição, é a percepção que o autor possui das coisas que importam ao leitor.

O gênero instalou-se em terras nacionais com tal naturalidade, que muitos o definiram como expressão literária tipicamente brasileira - questão sem muita importância, pois tendo sua origem aqui ou na França, fato é que foi no cenário da literatura brasileira que a crônica melhor se aclimatou e assumiu caráter *sui generis*. Nas palavras de Antonio Candido (1992, p. 15): “Creio que a fórmula moderna, onde entra o fato miúdo e um toque humorístico, com o seu *quantum satis*, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma”.

A crônica, tal como é conhecida atualmente – publicada em jornais ou em revistas, e, muitas vezes, posteriormente reunida em volume – concentra-se em acontecimentos diários e, à primeira vista, não apresenta caráter próprio ou limites muito precisos. Caracteriza-se como expressão literária híbrida ou múltipla, haja vista que pode assumir a forma de entrevista, resenha, monólogo, diálogo etc.

Segundo Candido, a crônica moderna, na década de 1930, definiu-se e consolidou-se como um gênero cultivado por um grande número de escritores e de jornalistas, os quais procuraram estabelecer a dimensão dos seres e das coisas, apresentando – com brilho, leveza e criticidade – as ocorrências cotidianas.

A crônica pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o humor. (CANDIDO, 1992, p. 24)

A crônica deixou de lado a intenção de informar e de comentar, passando a ter a função de divertir; perdeu seu compromisso com assuntos sérios e adotou uma narrativa mais célere. A sua linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada, ou seja, afastou-se do jargão jornalístico, dos comentários políticos e econômicos a fim de se aproximar do humor e da poesia. Frente aos fatos rotineiros, o gênero envolve a visão pessoal de quem o escreve, o que, por vezes, desperta o viés poético do autor, ressaltando, desta forma, a linguagem como importante instrumento de sua prática literária e como elemento que agregará valor à escrita efêmera da crônica. A crônica, gênero literário sujeito ao transitório e a leveza do jornalismo, sobrevive devido aos recursos de linguagem empregados pelo autor.

Em razão de ser um texto destinado à descontração, de rápida leitura, a crônica opta pela modalidade de linguagem que fica a meio caminho entre o informal e o formal; o seu leitor é conhecido, trata-se do mesmo leitor das notícias do jornal. Desta forma, já é sabido o modo como se dará a apreensão do conteúdo – isto é, imediatamente.

No entanto, por meio da linguagem, da complexidade interna, da penetração psicológica e da força poética, a crônica se livra da corrosão que esses itens poderiam lhe causar e transpõe o jornal, configurando-se em livro. E nessa aproximação da prosa com a poética, a crônica renova o teor de verdade particular, humana e histórica. Davi Arrigucci Jr. ressalta:

Não raro ela adquire assim entre nós, a espessura de texto literário, tornando-se, pela elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética ou pelo humor, uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história. Então, a uma só vez, ela parece penetrar agudamente na substância íntima de seu tempo e esquivar-se da corrosão dos anos, como se nela se pudesse sempre renovar, aos olhos de um leitor atual, um teor de verdade íntima, humana e histórica, impresso na massa passageira dos fatos esfarelado-se na direção do passado. (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 53)

Como gênero de fronteira, situando-se entre o jornalismo e a literatura, a crônica é, sobretudo, uma “forma do tempo e da memória” que “tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo”, segundo Arrigucci Jr. (1987, p. 51).

Ao cronista cabe retratar o seu tempo. Esta figura, portanto, mantém o seu olhar preciso no turbilhão da contemporaneidade, sendo capaz de observar e de julgar o real, alertando os seus leitores acerca do que há de extraordinário no corriqueiro.

Quando o cronista registra um evento, interpreta-o em um contexto mais amplo, bem como deixa marcas de seu estilo pessoal, excede as amarras da referencialidade que constituiu seu ponto de partida, produz um texto plurissignificativo, moldado em linguagem literária que faz com que a crônica ultrapasse a efemeridade do periódico e, assim, atinja o estatuto literário, transformando-se em algo especial.

Na perspectiva de Candido (1992), a despreensão do cronista configura a maior vantagem em relação a outros textos. Para o crítico literário, ao se tornar mais acessível aos leitores, a crônica é capaz de comunicar mais sobre a condição humana e a vida do que os estudos intencionais. Em suma, a crônica quer resgatar, em cada leitor, um lirismo e também uma reinvenção do cotidiano própria de seu discurso. A riqueza da linguagem da crônica se dá por meio de múltiplos aspectos combinados, que jogam com a mudança na forma de olhar o mundo, valendo-se somente das palavras.

O cronista escreve sem buscar *status* literário ou seriedade jornalística; ele ressignifica os fatos e se aproxima do leitor ao evidenciar o modo pessoal como compreende os assuntos que aborda. O tom da crônica mistura traços do discurso jornalístico com os do literário. O cronista tem em vista o leitor do jornal, ou seja, figura já conhecida, e sabe o que

precisa fazer para satisfazê-lo. Para isso, emprega uma linguagem que aproxima o texto do leitor.

Para o cronista, faz-se impossível fugir da pessoalidade que caracteriza o gênero, o que acaba por estabelecer uma relação entre o autor e o seu leitor. Por isso, Lispector passou, então, a se preocupar com o seu leitor e a ter consciência de quem ele é.

Dentre as diversas temáticas trabalhadas pela autora, a metacrônica constitui, muitas vezes, o ponto de partida para realizar uma contemplação sobre algum aspecto da vida cotidiana e acerca do fazer literário. Como exemplo de exercício desta temática, é possível citar a crônica *Ser Cronista*, publicada em 22 de junho de 1968:

Sei que não sou, mas tenho meditado ligeiramente no assunto. Na verdade, eu deveria conversar a respeito com Rubem Braga, que foi o inventor da crônica. Mas quero ver se consigo tatear sozinha no assunto e ver se chego a entender. Crônica é um relato? É uma conversa? É o resumo de um estado de espírito? Não sei, pois, antes de começar a escrever para o Jornal do Brasil, eu só tinha escrito romances e contos. (LISPECTOR, 1999, p. 112)

Este é precisamente o ponto de partida para que a autora reflita sobre o que é ser cronista, sobre o gênero e também sobre seu novo ofício. Assim, a pessoalidade se impõe como característica inerente: “E também sem perceber, à medida que escrevia para aqui, ia me tornando pessoal demais, correndo o risco daqui em breve de publicar minha vida passada e presente, o que não pretendo”. (LISPECTOR, 1999, p. 113).

Outro ponto abordado pela autora é em relação a mudança em seu modo de escrita para o jornal. Tal mudança se dá pelo suporte do jornal como meio de veiculação das crônicas. Tentativa de estabelecer uma relação com o leitor: “Aqui no jornal apenas falo com o leitor e agrada-me que ele fique agradaado”. (LISPECTOR, 1999, p. 113)

O caráter metacrônico do texto é inegável e, ao preservar o tom de conversa, Lispector elenca as principais características da crônica, bem como tece suas reflexões e fornece suas justificativas aos seus leitores de costume, por a encontrarem em um veículo tão popular como o jornal.

O hibridismo mais evidente na crônica verifica-se, em um primeiro momento, na oscilação entre o literário e o jornalístico. Contudo, a crônica, como um espaço aberto para se realizar reflexões sobre os mais diversos assuntos e para experimentações estilísticas, transmuta-se em diversas formas. Suas fronteiras não se delimitam com facilidade, assim, a crônica transforma-se em conto, em entrevista, em ensaio, em poesia etc.

Nas crônicas de Lispector é possível observar o deslocamento da fronteira e também o trânsito por diversos gêneros. Tal liberdade de composição e de forma faz com que

seja possível aproximar este conjunto de textos do ensaio de raiz montaigneana. O hibridismo existente entre a crônica e o ensaio possibilita tanto a pessoalidade quanto o desnudamento da autora, elementos oferecidos pelo gênero ensaio – fator que fez com que Lispector se permitisse discutir os processos que envolviam a sua escrita e o “pensar” sobre a literatura.

Refletindo de um modo amplo, torna-se praticamente impossível estabelecer com precisão os limites do ensaio. Caracterizado, sobretudo, pela liberdade concedida ao autor, pelo inacabamento e pela brevidade, o gênero foi inaugurado em 1580, com a publicação de *Ensaio*, de autoria de Montaigne. Esses escritos deram origem à conceptualização dessa expressão literária e definiram o modelo a ser seguido. De acordo com as reflexões propostas por Montaigne, o ensaio é orientado por três ideias essenciais, quais sejam: o autoexercício das faculdades; a liberdade pessoal e o esforço constante pelo pensar original.

Montaigne, no Livro II, capítulo X, expõe que seus escritos são resultado das faculdades naturais – e não do estudo. Ademais, acrescenta que a atenção não deve estar voltada à matéria discutida, mas sim a forma como é tratada. Observa-se, em *Ensaio*, a agudez de espírito de Montaigne, que explicita seus argumentos a partir de seu ponto de vista. O autor declara que suas publicações são simples “tentativas” literárias, ou melhor dizendo, o equivalente literário dos esboços de um artista. Eram informais, próximas à língua falada, aproximando-se mais da conversa do que de produtos literários.

O termo ensaio passou a significar não somente um escrito de dimensões reduzidas, mas, também, um escrito ligeiro, expressão de opinião que não se baseia em pensamento rigoroso, tampouco em pesquisa extensiva. Ou seja, tratava-se de uma discussão de um tópico que poderia parecer trivial; era um estudo fácil de ler e também de escrever, produzido para uma determinada ocasião.

Assim, o escritor encontra no ensaio o espaço necessário para uma discussão livre, sobre quaisquer assuntos, pautada em sua visão pessoal. Respaldo pela liberdade proporcionada pelo gênero, ele não procura provar ou justificar suas ideias, nem mesmo esgotar o assunto escolhido. Sua atenção se encontra direcionada para desenvolver, por escrito, o seu raciocínio, buscando verificar na representação verbal o seu entendimento sobre a questão em foco.

O escritor passa, então, por um processo de reflexão e de captação de ideias e de materiais alheios e próprios, valendo-se deste percurso para fundamentar os conteúdos estudados. Para Silvio Lago Jr. (2000, p. 6): “Parece claro que o ofício principal do ensaísta é analisar os significados das realizações criadoras e das várias questões, submetendo-as ao crivo da indagação mais profunda ou da discussão circunstancial”. Desta forma, a essência do

ensaio reside em sua relação próxima com a palavra falada e com o próprio ato e momento de pensar, traduzindo o pensamento em vocábulos.

Na crônica intitulada *Ficção ou não*, de 14 de fevereiro de 1970, é possível observar a evidente aproximação da escrita de Lispector com o ensaio. O assunto principal abordado pela autora é, novamente, seu processo de escrita. No decorrer do texto, a autora expõe algumas de suas definições sobre ficção e romance. Logo em seu início, declara entrar em um campo que pertence à crítica. Sua reflexão/argumentação – que beira até mesmo a uma defesa do romance – refere-se aos questionamentos sobre o livro *A paixão segundo GH* tratar-se ou não de um romance: “O que é ficção? É em suma, suponho, a criação de seus acontecimentos que não existiram realmente, mas de tal modo poderiam existir que se tornam vivos”. (LISPECTOR, 1999, p. 270).

Para a autora, o romance clássico de concepção é aquele que conta com a descrição de algumas coisas que emolduram a vida, um romance, um personagem. Mas Lispector não quer se utilizar desta moldura. Por meio de sua reflexão é demonstrado o entendimento que a autora possui sobre certos conceitos, tais como romance e ficção. Esses conceitos se encontram atrelados às questões tradicionais da literatura e são colocados em xeque pela autora durante sua reflexão. No fim da crônica, a autora declara que o livro *A paixão segundo GH* é um romance.

O conceito de gênero permite agrupar determinadas obras de acordo com características específicas. Tradicionalmente, são reconhecidos três grandes gêneros literários: o narrativo, o dramático e a poesia. Os dois primeiros já eram reconhecidos e diferenciados por Aristóteles, em sua *Poética*, em virtude de um critério de representação ou de enunciação. No fim do século XVI, a poesia adquiriu o *status* de gênero, completando a tríade supracitada.

O teórico Emil Staiger (1975), em *Conceitos Fundamentais da Poética*, ao adotar como base as distintas disposições do espírito humano (correspondentes às esferas do emocional, do intuitivo e do lógico), propõe uma divisão entre estilos lírico, épico e dramático, relacionando o primeiro à recordação, o segundo à observação (ou apresentação) e o terceiro à expectativa (ou tensão), questionando, assim, a clássica tripartição genérica. Na visão do autor, esses estilos corresponderiam a significações ideais fixas que se encontrariam presentes – em maior ou menor grau – em todas as obras literárias, não sendo possível, por esta razão, determinar fronteiras rígidas entre gênero dramático, épico e lírico.

Ainda de acordo com a perspectiva de Staiger (1975), a característica que distinguiria o gênero lírico do narrativo seria o fato de que a produção lírica é determinada por certa “disposição anímica” lírica, excluindo-se do âmbito lírico a lógica, que governa a

narração. Essa obediência à inspiração explicaria também a necessidade do caráter breve das composições líricas. Mas isso não exclui um certo grau de elaboração, o que Staiger deixa manifesto nos seguintes termos (tomando como exemplo um poema de Brentano):

O poeta vê-se obrigado a elaborar sua inspiração, a coordená-la, burilá-la e se necessário mesmo explicá-la. Com isso, situa-se frente ao lírico e, portanto, fora do âmbito da graça. Ele tem recursos, é claro, pode lançar mão da linguagem que já usou em canções de seu vasto repertório anterior; e Brentano assim o fez inúmeras vezes; mas um epígono, mesmo um epígono de si mesmo, não engana a ouvidos apurados. Revela-se aqui uma certa debilidade do gênero lírico, posteriormente abordada mais de perto, quando de sua análise como uma ideia que não tem a força de ser em estado puro e busca completar-se com o épico e o dramático por uma exigência de sua própria essência e não por incapacidade do autor. (STAIGER, 1975, p. 28-29)

No trecho supratranscrito, o crítico chama a atenção para uma questão fundamental: a constante fusão (ou cruzamento) dos referidos estilos nas diferentes manifestações literárias. E é precisamente nesse cruzamento de gêneros que se encontram as crônicas clariceanas. Tal como mencionado anteriormente, a autora utilizou a crônica como veículo para tecer comentários sobre autoria, literatura e reflexão sobre o gênero crônica. Sua coluna no jornal também foi espaço para experimentos literários que ela classificou como “noveletas” e para antecipação e republicação de fragmentos de suas obras. O suporte do jornal como meio de publicação permitiu a aproximação entre a autora e seus leitores, proporcionando um certo desnudamento da escritora perante seu público e, a partir desta revelação, é possível delimitar determinadas características de Lispector, de forma diferente do que seria feito pela observação das outras produções literárias.

Em *A explicação que não explica*, publicado em 11 de outubro de 1969, Lispector se recorda do processo de escrita dos contos publicados no livro *Laços de Família*. Apesar de não considerar fácil a tarefa de lembrar como escreveu um conto ou um romance, ela afirma: “Depois que despegam de mim, também eu os estranho”. (LISPECTOR, 1999, p. 239). E complementa: “Não se trata de transe, mas a concentração no escrever parece tirar a consciência do que não tenha sido o escrever propriamente dito.” (LISPECTOR, 1999, p. 238).

Especificamente sobre o conto *Feliz aniversário*, afirmou tratar-se da impressão de uma festa de aniversário qualquer. Anotou algumas linhas e, posteriormente, aprofundou-se: “Anos depois, ao deparar com essas linhas, a história inteira nasceu, com uma rapidez de quem estivesse transcrevendo cena já vista e, no entanto, nada do que escrevi aconteceu naquela ou em outra festa.” (LISPECTOR, 1999, p. 238). Quando questionada sobre a avó

retratada no conto, dá-se conta que se tratava de sua própria avó, que só conheceu por retrato, quando ainda era criança.

Ao passar pelos contos, recorda-se de como foram escritos, no entanto, relembra mais de sensações do que sobre o processo de reflexão de cada conto; era como se cada um deles fosse lhe dado pronto, restando-lhe apenas transcrevê-los à máquina. A autora também demonstra uma forte identificação com os personagens: “Do conto ‘Amor’ lembro duas coisas: uma ao escrever da intensidade com que inesperadamente caí com o personagem dentro de um Jardim Botânico não calculado, e de onde quase não conseguimos sair [...]”. (LISPECTOR, 1999, p. 239).

Em *Uma galinha*, há a referência na crônica. A autora relata que o conto surgiu como uma crônica encomendada, mas que não foi entregue, o que evidencia a limiaridade entre os gêneros: “Vi também que escrevera um conto, e que ali estava o gosto que sempre tivera por bichos, uma das formas acessíveis de gente.” (LISPECTOR, 1999, p. 239).

No relato sobre *Imitação da rosa*, menciona um dos elementos mais marcantes de sua escrita: “‘Imitação’ me deu a chance de usar um tom monótono que me satisfaz muito: a repetição me é agradável, e repetição acontecendo no mesmo lugar termina cavando pouco a pouco, cantilena enjoada diz alguma coisa”. (LISPECTOR, 1999, p. 239).

O trânsito entre os gêneros e a exteriorização do processo de reflexão da autora são os elementos que conferem ao conjunto de textos que compõem *A Descoberta do Mundo* um valor literário inegável para compreensão da obra da autora.

## Conclusão

A liberdade de escrita proporcionada pela crônica permite a Lispector maior desenvoltura e o trânsito por entre temáticas e formas. O jornal constitui o espaço ideal para a reflexão e, ao conhecer aquilo que o leitor deste veículo espera, a transposição da reflexão em palavras se dá de modo natural e leve. Desta forma, a cada coluna redigida, a autora se revela. A crônica clariceana se aproxima do ensaio de raiz montaigneana, o qual é tido como uma reação franca e humana de uma personalidade/autor diante da realidade.

Afrânio Coutinho aponta que o ensaio, modernamente, tem perdido seu sentido original de tentativa e tem se desenvolvido em significado inteiramente oposto ao primordial. Ademais, ressalta o surgimento de outro grupo de ensaios, chamados de julgamento, que oferecem conclusões sobre os assuntos, após uma discussão e análise. No Brasil, o uso do

termo ensaio, atualmente, restringe-se a este grupo, tornando-o sinônimo de estudo. Porém, a crônica é que assumiu o lugar do ensaio em seu sentido original. Segundo Coutinho:

Mas o que designamos atualmente por crônica é o que, na literatura inglesa, se chama “ensaio” [...]. Se compararmos as características dos dois tipos, veremos que as da “crônica” brasileira são as mesmas que os ingleses atribuem ao *personal* ou *familiar essay*. Isso resultou certamente do uso que se generalizou no Brasil de tornar sinônimos “ensaio” e “estudo”, abandonando-se o sentido primitivo, para o qual foi sendo reservado o termo “crônica”. (COUTINHO, 2004, p. 122)

Em *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*, Benedito Nunes (1995) aponta que a distinção entre conto e crônica se torna irrelevante diante da flexibilidade que a narrativa curta adquire em Lispector. Pode-se aplicar esta mesma colocação quando se realiza a aproximação entre a crônica e o ensaio. Para Nunes, é possível notar que o espaço como ambiência cotidiana decompõe-se na narrativa clariceana, o que retira – do meio familiar e doméstico narrado – o comum e o banal, transformando-os no espaço geral das questões existenciais humanas.

Desta forma, as crônicas clariceanas quebram o espectro de hermetismo atribuído à autora. Por meio do hibridismo proporcionado pelo suporte do jornal e pelo tênue limiar existente entre os gêneros, é concedida ao leitor a possibilidade de adentrar no universo da autora, de modo a compartilhar de seu processo de reflexão.

## Referências

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: ARRIGUCCI JR., Davi. **Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-66.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio (Org.). **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1992. p. 13-22.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. v. 6. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.

LAGO JR., Silvio. O ofício do ensaísta. **Logos: Comunicação & Universidade**, Rio de Janeiro, ano 7, v. 13, p. 5-10, jun./dez., 2000.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. In: CANDIDO, Antonio. (Org.). **A crônica**: sua fixação e suas transformações no Brasil. Rio de Janeiro: Editora da Unicamp, 1992. p. 93-134.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

## THE ESSAYISTIC CHRONICLE BY CLARICE LISPECTOR

### Abstract

The importance of Clarice Lispector for Brazilian Literature is unquestionable. Since the publication of his first novel, his work has been making a great impact on critics and elicited a legion of fans. Always concerned for her intimacy, Clarice made of her texts a testimony of her restless and questioning identity. The book *A Descoberta do Mundo* (1984) gathers the chronicles originally published in the weekly column that maintained of *Jornal do Brasil*, between the years of 1967 and 1973. These texts, essentially and metalinguistics, in which the author seems to point to the desire of apprehending and understanding the writing processes that are of interest to our study. In this way, what is proposed is the analysis of confluent aspects between the chronicle and the essay in the writings of Clarice Lispector collected in the book *A Descoberta do Mundo* (1984). It is known that the chronicle is a genre that oscillates between the literary and the journalistic; in the chronicles of Clarice Lispector there is, however, the confluence with the essayistic genre. Thus, the study will investigate how this confluence occurs and for what purpose the author uses in her chronicles the reflections on the process of literary doing.

### Keywords

Clarice Lispector. Chronic. Essay.

---

Recebido em: 07/12/2018  
Aprovado em: 16/05/2019